

Cine Butantan: um laboratório de imagens e sons

*Butantan's Cine: a
laboratory of images
and sounds*

Adilson Mendes¹

1.
Pesquisador/curador do Centro de Desenvolvimento Cultural do Instituto Butantan, onde coordena a programação do Cine Butantan, assim como edições de difusão científica. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, tem trabalhos em história social do cinema. Contato: adilson.mendes@butantan.gov.br

Resumo

O artigo aborda o projeto do Cine Butantan, um laboratório de imagens e sons, cujos objetivos promovem o exercício criativo da Arte e da Ciência no Instituto Butantan, mas também recuperam a sua memória audiovisual, exibindo e analisando a considerável filmografia da e sobre a instituição (documentários, ficções, filmes científicos e institucionais). Por último, mas não menos importante, o projeto vislumbra incrementar a produção de sons e imagens para o presente da instituição.

Palavras-chave

Divulgação científica; Audiovisual; Cinema; Cine Butantan

Abstract

The article presents the Cine Butantan project, a laboratory about sound and image. The main objectives are: 1) to promote the creative exercise of Art and Science at the Butantan Institute; 2) recover his audiovisual memory, analyzing the considerable filmography about the institution (documentaries,

fictions , scientific and institutional films) . And last but not least, 3) project envisages increasing the production of sounds and images to present of the institution.

Keywords

Sciencediffusion;Audio-visual;Cinema;Cine Butantan

A Ratimir Rakuljic

Arte e ciência: pensar as possibilidades

A difusão científica se consolida a cada dia como etapa fundamental para a transmissão do conhecimento na contemporaneidade. Várias são suas formas e facetas, sempre com ênfase na multiplicidade de abordagens, objetos e temas. Transdisciplinar por excelência, a difusão científica é elemento decisivo para a inovação que, frequentemente, surge em lugares improváveis, graças a cruzamentos inesperados das fronteiras do conhecimento. As ações realizadas pelo Instituto Butantan, nesse sentido, abarcam atividades já centenárias (as extrações públicas de veneno, a didática aplicada em cursos introdutórios, o acesso a espaços especializados – museus, laboratórios etc), mas também consolidam práticas que ajustam a instituição às possibilidades abertas pelas novas mídias (o uso do audiovisual no museu, os espaços virtuais, as exposições em formatos multimídia etc).

As atividades de divulgação desenvolvidas no Butantan, diversas e complementares, permitem a invenção de ferramentas para o difusor científico, que as transfigura criativamente conforme o contato com os novos meios, forjando metodologias teórico-práticas para afirmar o caráter transitório do debate científico e a necessidade de sua disseminação para todos os segmentos da sociedade.

E, para confirmar o constante objetivo de atualização de seu aparato discursivo sobre a ciência, o Centro de Desenvolvimento Cultural do Instituto Butantan apresenta o Cine Butantan, um laboratório científico-artístico, reflexivo e criativo, concebido para o exercício teórico aberto em conexão

com a expressão artística. Sessões que mesclam filmes (científicos sobretudo, mas não apenas) de diferentes períodos com ações de cunho pedagógico (Lefebvre, 1991, p.), mas também com performances artísticas diversas. Uma forma nova para reenquadrar a produção audiovisual (antiga e moderna) em novo contexto a partir da justaposição de filmes e intervenções variadas. Uma sala especializada na produção científica mas aberta à arte, inventando novas formas para a difusão científica sem descuidar da fruição livre. Uma sala para “pensar as possibilidades”, para retomar aqui a célebre frase de Carl Sagan, citada no filme de Ratimir Rakuljic, *Star Stuff*, que abre a programação do Cine Butantan.

Ao invés da afirmação de autores, como ocorre com a cinefilia tradicional, desenvolve-se a gênese de uma contra-programação, que reúne formas para tratar uma produção específica por ângulos e cruzamentos inusitados. Assim, no lugar das opções habituais, opta-se por uma abordagem fenomenológica, em que a história das formas cinematográficas se desdobra na programação de títulos, sem nunca descuidar da dimensão educativa que está no centro de uma instituição como o Butantan.

Estilo e história

Por sua tradição científica secular, o Instituto Butantan é a instituição adequada para promover essa revisão crítica do cinema científico, ligado de início ao exercício didático, e que logo passou a inspirar artistas de vanguarda. Voltar o olho da história para essa produção permite a compreensão do estatuto da ciência em determinados momentos históricos, mas pode ir além na medida em que essa revisão supera a descrição dos conteúdos e também trata de formas e estilos.

O filme científico possui características que o singularizam em relação à produção cinematográfica tradicional. Tal evidência é ainda mais perceptível quando se avalia a produção científica do início do século XX e se ultrapassa o conteúdo propriamente didático desses filmes antigos. Podemos supor que eles são passíveis de serem vistos na sua

dimensão propriamente cinematográfica e não exclusivamente como resultados de experiências. Como nos lembra Philippe-Alain Michaud, o filme científico também é atravessado por questões de estilo, o que não significa que ele deve ser analisado a partir de categorias do cinema de ficção, mas sim como um sistema de figuras e de formas particulares. Revendo esses filmes podemos verificar como eles não seguem apenas a razão instrumental, que busca esclarecer o espectador com argumentos lógicos de causa e efeito. Vistos hoje, eles nos revelam formas novas cuja economia interna surpreende pela conexão com estilos artísticos (Michaud, 1995, p.146).

Nesse sentido, a história do cinema científico apresentada no Cine Butantan se inscreve num tipo de história social que relaciona técnica, discurso científico com questões de estilo que compreendem a fatura do filme para além de seu conteúdo imediato. Como vemos na reflexão de historiadores interessados nos prolongamentos dos trabalhos de Michel Foucault, o dispositivo cinematográfico não nasce apenas do desenvolvimento lógico de técnicas. No final do século XIX, o cinema concretiza a pesquisa científica sobre o movimento, a indústria militar e o controle do corpo. “Se soubéssemos em quais condições se obtém o máximo de velocidade, de força ou de trabalho isso colocaria fim a tropeços que vimos até agora” (Marey, 1873, p.87)

As diferenças técnicas de decomposição visual do movimento logo alcançaram o registro cinematográfico. De início, como dispositivo tecnológico, o cinema serve aos interesses do Estado e do Exército (o Ministério da Guerra financia a Estação Fisiológica de Marey). Nos Estados Unidos, as pesquisas de Eadward Muybridge se inserem no contexto de taylorização do trabalho, enquanto que na França, as de Marey tratam da “racionalização” do movimento humano e animal. Nos dois casos, trata-se de uma empreitada de controle e rentabilização dos corpos, que começa com a Cronofotografia, passa pelo cinema e se prolonga até os dias de hoje nas câmeras de vigilância (Rabinbach, 1992, p.123) A junção de ciência, cinema e capitalismo, que está

na origem do audiovisual como meio artístico e fenômeno social, revela o quanto a reflexão que ultrapassa fronteiras do conhecimento permite um novo olhar para uma produção ainda não considerada em todas as suas possibilidades.

Como se pode observar, desde o princípio do cinema a ciência se voltou para o novo meio. Ora para denunciar seu aspecto “doentio”, como agente destruidor da percepção, ora para utilizá-lo como ferramenta de investigação e divulgação científica. Muito cedo o cinema se interessou por fenômenos científicos, e particularmente por aqueles que escapam à visão direta. O Estado francês, por exemplo, se destaca pelo interesse na difusão científica que o novo meio permite. Ao longo dos anos 1920, algumas iniciativas afirmam o interesse público por uma política educacional e de propaganda nacional baseada na ideia, bem comum na época, de que o cinema é o meio mais apto para influenciar a consciência das massas. O caso brasileiro, o Instituto Nacional de Cinema Educativo, segue os mesmos preceitos de seus congêneres europeus e norte-americanos.

O pioneiro incontestável do cinema científico foi o Dr. Jean Comandon, cujo trabalho original foi eclipsado pelo de outro aventureiro da observação do mundo animal, Jean Painlevé, cuja carreira se desenvolveu até os anos 1960. Para sua produção audiovisual científica, Painlevé precisou inventar procedimentos técnicos que, posteriormente, transformaram-se em referência, como a iluminação fria, o *travelling* automático com plataforma rotativa para a microscopia, um sistema desmontável de fixação para a câmera e projetores, um aparelho modulável de captura de imagem por segundo e por hora, um aparelho de cor específico, assim como um tipo de câmera submarina. Esses procedimentos técnicos são encontrados na produção de Benedito Junqueira Duarte, o cineasta brasileiro interessado em questões cirúrgicas sem descuidar do aspecto formal.

Outro precursor foi o francês Jean Benoit-Lévy. Seu trabalho em diferentes gêneros, também promoveu o cinema científico em sua amplitude. Benoit-Lévy realizou certo número de filmes cirúrgicos em

colaboração com alguns eminentes médicos de sua época. Entre suas produções científicas, podemos mencionar Pasteur (1922), um documentário feito em parceria com Jean Epstein, o grande realizador francês com formação científica, que na época dava seus primeiros passos no cinema. A presença de Epstein – jovem estudante com formação científica – não é mero acaso e afirma o interesse por cinema de vanguarda via cinema científico.

Filmografia Butantan

Desde sua fundação, o Instituto Butantan constrói sua própria imagem pública por meio das diversas formas de comunicação com a sociedade. Desde as extrações de veneno promovidas por Vital Brazil, passando pelos manuais sobre acidentes ofídicos, até chegar aos cursos atuais de difusão científica, a instituição seguiu expondo sua imagem de lugar de pesquisa para a saúde pública. Esse empenho em consolidar uma identidade relacionada ao esclarecimento da ciência moderna em uma sociedade tão marcada pelo atraso social – fato que não passou despercebido ao irônico narrador de *Macunaíma* (!), a “rapsódia” de Mário de Andrade – deixou vestígios audiovisuais e definiu uma filmografia inteira, que se aproxima de uma centena de filmes, praticamente um filme por ano. Como lugar da experimentação, mas também da memória, o Cine Butantan recupera essa produção em que a instituição aparece de forma privilegiada. Filmes de gêneros variados (filmes científicos, documentários de divulgação turística, documentários de cunho artístico, melodramas, séries televisivas etc) que, revistos hoje com nova moldura, permitem a reflexão sobre as estratégias de afirmação da instituição. Em princípio, essa produção, praticamente invisível, deve ser submetida à análise e à fruição da própria comunidade científica que, em conjunto com a sociedade, poderá recuperar instantes significativos da memória institucional, mas também da própria cidade de São Paulo (Xavier, 2010).

Um filme como *Instituto Butantan* (1926c), por exemplo, evidencia o alto interesse da instituição em realizar sua divulgação com qualidade. A companhia

responsável pela produção, a Rossi Film, era a mais desenvolvida da época, sendo, do ponto de vista técnico, a mais bem equipada. A conexão da Rossi com o poder público de São Paulo também afirma o quanto a imagem de uma modernização local passa pela instituição e sua maneira de expor um tipo de saber atualizado com os avanços da ciência moderna. Não por acaso, o Instituto é objeto de parte significativa do maior documentário experimental do cinema mudo brasileiro: São Paulo, a sinfonia da metrópole (1929), de Kemeny e Lustig.

A cada ano, a “filmografia Butantan” segue se ampliando, assumindo formas cada vez mais abrangentes, desde a peça institucional, recentemente dirigida por Ricardo Dias, até a presença como tema na série televisiva infantil *Buuu – um chamado para a aventura*. Ao longo de sua programação, o Cine Butantan buscará projetar e refletir sobre a totalidade dessa produção, criando novos formatos para atualizá-la.

Um acervo especializado

Um dos objetivos do Cine Butantan também é constituir um arquivo especializado de filmes, um acervo vivo para abarcar as diversas facetas do cinema em relação com a ciência. Ao longo da história da preservação/difusão cinematográfica diversos arquivos de filmes se especializaram em produções particulares, auxiliando na consolidação de uma mentalidade patrimonial ampla.

Além da produção científica mundial (passado e presente), o Cine Butantan agrupa a produção local audiovisual em que a instituição é tematizada (a “filmografia Butantan”), sendo abordada diretamente pelo documentário, ou indiretamente por meio de filmes de pesquisa, ou ainda como pano de fundo para a ficção. A organização dessa filmografia específica ampara um projeto de difusão multifacetado, sempre aberto às possibilidades de justaposição com obras, temas e momentos históricos diferentes. A partir da reflexão sobre o acervo e sua constituição é possível conceber a programação corrente e formular momentos de síntese por meio de mostras e festivais

de grande abrangência. O acervo, a ser composto por filmes científicos (de pesquisa, difusão e ensino), filmes em que a ciência é tema (direto ou indireto), buscando sempre os marcos incontornáveis da história do cinema. Não por acaso, a seleção de filmes que inaugura o Cine Butantan foi pensada como programa a ser reiterado ao longo das atividades do projeto. Assim, ao lado de filmes científicos, como *A separação da gêmeas siamesas* (1902), do Dr. Doyen, aparece o humor despudorado de Federico Fellini em sua leitura do *Decamerão*, de Boccaccio: *As tentações do Doutor Antônio* (1962).

Para além da constituição de um arquivo de obras audiovisuais, o Cine Butantan privilegia igualmente a constituição de um acervo de obras bibliográficas de referência sobre a ciência em conexão com o audiovisual. Dessa forma, além de permitir um projeto de difusão científica por meio do audiovisual, o Cine Butantan busca contribuir para a análise teórica de um campo ainda em desenvolvimento no Brasil.

Com a constituição de um acervo filmobibliográfico, a produção de imagens e sons sobre e para o Instituto Butantan também será fortalecida. Dessa forma, a reflexão histórica se alia à produção contemporânea de imagens e sons, atualizando a identidade da instituição.

Ação com múltiplos focos, o Cine Butantan surge como ferramenta de democratização científica, aberta ao exercício criativo e à memória, amparada na reflexão de longo alcance que se forja na relação entre produção de imagens e sons, acesso, análise e difusão. Para renovar o tipo de difusão científica promovido pelo Instituto, o Cine Butantan reitera a necessidade de bases sólidas para o contato em profundidade com a sociedade.

Referências

- Lefebvre T. *Les films diffusés par la mission américaine de prévention contre la tuberculose*. 1895, n.11, p. 145-160, 1991.
- Marei EJM. *La machine animale. locomotion terrestre et aérienne*. Paris, Germer Ballière, 1873.
- Michaud PA. La croissance des végétaux. La melencolia de Jean Comandon. 1895, n.18, p. 239-246, 1995.
- Rabinbach A. *The human motor: energy, fatigue and the origins of modernity*. Los Angeles: University of California Press, 1992.
- Xavier PA. *Representação cinematográfica e história institucional: uma análise de filmes sobre o Instituto Butantan (1928-1953)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2010.

Data de recebimento: 07/06/2016

Data de aprovação: 07/06/2016